

# ELA DÁ AULAS PRÁTICAS DE AMOR E SEXO

No filme “Seis Sessões”, um homem paralisado decide perder a virgindade aos 38 anos. Para tal, recorre a uma terapeuta sexual, que o ensina a relacionar-se com o seu corpo e com quem descobre a sexualidade. Falámos com Cheryl Cohen Greene, a mulher que inspirou a personagem. TEXTO DE KATYA DELIMBEUF

38



O desafio para qualquer pessoa que veja a longa-metragem “Seis Sessões” é não chorar. Rir é garantido, ou não fosse o sentido de humor um dos traços mais marcantes de Mark O’Brien, o poeta e jornalista norte-americano, vítima de poliomielite na infância, que se vê confinado a uma maca e à posição horizontal durante a maior parte da sua vida. Desprovido do controlo sobre o seu corpo, resta a Mark a evasão através do cérebro, que usa para criar poesia ou para cativar o outro. Aos 38 anos, decide

dar ouvidos aos seus impulsos carnis e usufruir do direito à sexualidade. Isso leva-o ao gabinete de uma terapeuta sexual, que, por sua vez, o recomenda a uma *sex surrogate*, uma assistente sexual, na tradução portuguesa.

No filme, a figura da *sex surrogate* (encarnada por Helen Hunt, nomeada na categoria de Melhor Atriz para os Óscares) trabalha os dois domínios: sexualidade e afetividade. Limitada a seis sessões, para efeitos de “contenção de danos” (nomeadamente apego emocional), a polémica terapia praticada pela assistente passa por adquirir à vontade com o corpo, lidar com a nudez — naquilo que é uma estreia para Mark — e construir uma relação de confiança e intimidade. Uma abordagem que não é consensual e isenta de riscos.

## A FRONTEIRA DA PROSTITUIÇÃO

A figura que inspirou a personagem da terapeuta sexual encarnada por Helen Hunt é a norte-americana Cheryl Cohen Greene. “O meu trabalho é o mais moral que alguém pode ter. Eu crio um am-

biente seguro para as pessoas explorarem a sua sexualidade. E ouço-as, ouço-as verdadeiramente. Essencialmente, na minha profissão, tem de se ter empatia, compaixão e paciência”, disse ao Expresso.

Numa conversa por telefone, esta norte-americana de 68 anos partilhou que o maior preconceito com que teve de lidar ao longo de quatro décadas como assistente sexual foi a confusão com a prostituição. “Muitos pensam que, porque há sexo e dinheiro envolvido, tem de ser prostituição.” De pouco parece servir-lhe o curso de 150 horas tirado no IPSA (International Professional Surrogates Association — Associação Internacional das Assistentes Sexuais Profissionais), com estágio obrigatório e supervisão de um terapeuta, ou o doutoramento em Sexualidade Humana no Instituto de Estudos Avançados de Sexualidade, em São Francisco — ou até as memórias publicadas em novembro do ano passado (“An Intimate Life: Sex, Love and My Journey as a Surrogate Partner”). “Uma vez, a minha filha, que teria na altura uns 10 anos, chegou a casa e disse: ‘O Bobby [que era

filho dos nossos vizinhos] disse que tu eras uma prostituta’. ‘E o que respondeste?’, perguntei eu. ‘Que ajudavas as pessoas que não se sentiam bem com a sua sexualidade a sentirem-se melhor.’ Foi a única vez que isto foi uma questão para os meus filhos”, conta Cheryl.

Recorda-se também de, numa palestra, alguém lhe ter perguntado quantos parceiros sexuais ela já tinha tido. À conta redonda que Cheryl fez de cabeça — e que dava 900 clientes, ao longo de 40 anos de profissão —, acrescentou o seguinte: “Agora, pense, sem mo dizer, nos nomes que lhe vêm à cabeça quando lhe disse isto. E pense na reação que teria se eu fosse um homem em cima deste palco. Provavelmente, nesse caso, eu receberia uma enorme salva de palmas. Sendo mulher, provavelmente vai ter tendência para me chamar nomes. Isto só comprova a dualidade de critérios com que a sociedade ainda trata homens e mulheres. E as incongruências que isso gera. Por exemplo: os homens querem mulheres que sejam bombas na cama, mas que não tenham tido muitos parceiros. Alguém me



**EXPERIÊNCIA**  
CHERYL COHEN  
GREENE TEM 68 ANOS  
E É ASSISTENTE  
SEXUAL HÁ MAIS DE 40

quer explicar como se pode ter um sem o outro?”, questionou.

É sempre um terapeuta que encaminha estes pacientes até às assistentes sexuais. Logo no início das sessões, Cheryl alerta de imediato o “cliente” (é esta a designação, o que só contribui ainda mais para a confusão) para o facto de não ser uma prostituta. “Uma prostituta quer que o cliente volte, enquanto eu quero que você passe a ser autónomo quando o nosso processo acabar e possa aplicar o que aprendeu com uma parceira”, explica. Esclarece também que há um limite para o número de sessões. Nessas terapias de duas horas (que hoje custam 230 euros cada), exploram-se vários aspetos: nudez, autoimagem, autoconfiança e intimidade, linguagem corporal, o tocar no seu próprio corpo e o dar prazer ao outro, e chega a haver relações sexuais com penetração. Esta terapia está indicada a pessoas com problemas de ejaculação precoce ou dificuldade em ejacular, impotência, falta de desejo, virgens até tarde ou portadores de deficiências físicas que os impedem de viver uma vida sexual normal. “A minha taxa de sucesso é de 85 por cento”, orgulha-se Cheryl.

Esta forma de tratamento surgiu nos EUA, nos anos 60, pela mão do casal de terapeutas William Masters e Virginia Johnson, e foi de início promissora graças à significativa taxa de sucesso deste tipo de problemas. Mas uma queixa por parte de um marido enciu-

mado refreou os ânimos no aconselhamento a este recurso. Das 200 assistentes sexuais que existiam nos anos 70, sobram atualmente umas escassas 50, quase todas localizadas na Costa Leste dos EUA. No resto do mundo, esta terapia só foi praticada na Austrália e em Inglaterra.

“As más-línguas dizem que nos EUA rapidamente se associaram estas parceiras substitutas a prostitutas”, explica Jorge Cardoso, psicólogo clínico e terapeuta sexual, de 45 anos, cuja tese de doutoramento teve por tema a “Sexualidade dos Deficientes Motores”. “Foi por isso que esta prática não atravessou o oceano, ao contrário das técnicas de Masters & Johnson e dos seus protocolos de tratamentos de disfunções sexuais”, que “correram mundo”. “É claro que haveria casos em que seria benéfico que existisse esta figura”, concede. “Mas a separação das águas [o envolvimento emocional entre paciente e terapeuta] e o histórico mostram que não correu bem.”

“Na Holanda, existem prostitutas especializadas em prestar cuidados a este nicho de pessoas com necessidades especiais”, afirma Jorge Cardoso. Mas são prostitutas assumidas, com quem apenas existe sexo, não intimidade e muito menos qualquer tipo de aprendizagem terapêutica. “No filme, fica bem claro que o risco de ultrapassar certos limites pode constituir um problema. As seis sessões supostamente necessárias para

aprender a sexualidade não se cumprem [decidem parar à quarta sessão], porque os dois envolvem-se emocionalmente.”

A realidade, contudo, foi um pouco diferente da ficção. Cheryl conta que completou as seis sessões com Mark, e não tiveram mais porque ele estipulou logo do início que tinha medo de se envolver. “Mas o número de sessões é variável, pode ir até às 14”, explica Cheryl. Na vida real, “Mark e eu desenvolvemos de facto um vínculo emocional. Ficámos amigos. Num aniversário dele, levei uma lagosta e jantámos todos — eu e o meu marido, Mark e a namorada dele, Susan, que era escritora, com quem passou os últimos cinco anos de vida. Mas isso faz parte de um processo bem-sucedido. É verdade que ele me disse ‘amo-te’. E eu respondi: ‘Amo-te neste momento.’ Podemos amar alguém apenas em determinado instante”, explica. Outra diferença em relação ao filme é o uso de preservativo. Na película, nunca se vê tal contraceutivo. Na vida real, Cheryl garante que nunca deixou de o usar — e orgulha-se de nunca ter tido uma doença sexualmente transmissível.

#### A QUESTÃO DO APEGO

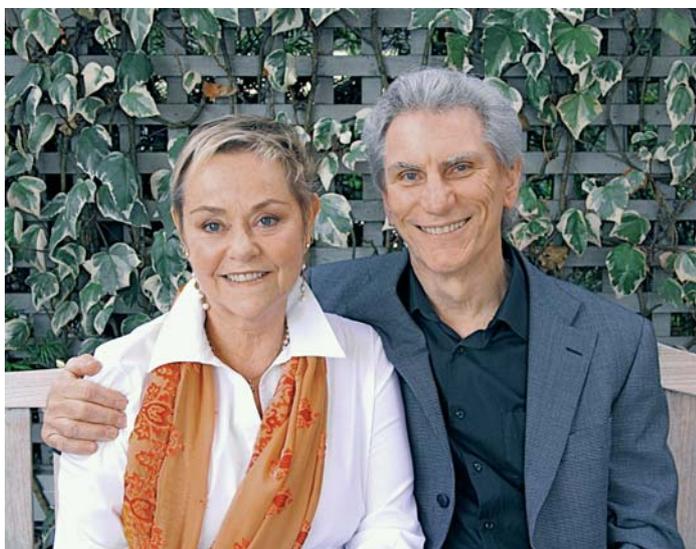
Mas o amor nem sempre respeita as regras. Cheryl é casada em segundas núpcias há 34 anos com Bob, um ex-paciente. “Então não era suposto não haver envolvimento emocional?”, perguntámos. Sim, mas Cheryl explica que foi o único cliente com quem se envolveu romanticamente. Quando ela o recebeu, em 1979, Bob era um ex-veterano da Guerra do Vietname a braços com 10 anos de problemas sexuais por resolver, desde que voltara do conflito. Várias relações falhadas mais tarde, e com uma autoestima muito baixa, chegou indicado por um terapeuta. “Ele não

#### NO CINEMA

NO FILME “SEIS SESSÕES”, HELEN HUNT VESTE A PELE DA TERAPEUTA SEXUAL CHERYL COHEN GREENE, E MARK O’ BRIEN É O ESCRITOR E POETA, VÍTIMA DE POLIO-MIELITE, QUE QUER PERDER A VIRGINIDADE AOS 38 ANOS. A TERAPIA PERMITE UMA VIAGEM IMPROVÁVEL AO MUNDO DOS AFETOS

ejaculava”, resume. Na última sessão, já resolvido o problema, Bob trouxe-lhe uma prenda: uma máquina fotográfica. Ela declinou. Não aceitava prendas de clientes. Mas, findo o tempo das sessões, ficou acordado que ele lhe ensinaria a usar a câmara. Depois de dois encontros fora do ambiente do consultório, ficou claro que existia mais do que uma amizade entre ambos. Casaram. Até hoje. “E ainda o amo”, diz.

Cheryl garante que Bob nunca teve qualquer problema com a sua profissão nem com o facto de ter tido centenas de clientes com quem partilhava — literalmente — a cama do casal. Na verdade, a cama onde Cheryl recebe os seus clientes é a de sua casa, em Berkeley, na Califórnia. Hoje, aos 68 anos, ainda atende três clientes: “um senhor de 92 anos — porque, ao contrário do que se quer acreditar, as pessoas têm necessidades sexuais a sua vida inteira, até morrerem; um outro de 73 anos; e um ter-



**AMOR** CHERYL COM O ATUAL MARIDO, BOB, UM EX-PACIENTE COM QUEM É CASADA HÁ 34 ANOS



ceiro mais novo do que eu, de 60.”

Há uns anos, Cheryl travou uma dura luta contra o cancro: um linfoma, em 1993, obrigou-a a cinco meses de quimioterapia, mas regressou ao trabalho com a mesma disponibilidade. Contudo, em 2006, uma recidiva — desta vez, um cancro de mama — mandou-a ao tapete, obrigando-a a remover o seio direito. Reconstruiu a mama, mas não o mamilo — seria de silicone. Para quem trabalha com o corpo como instrumento, seria de esperar que este acontecimento tivesse feito Cheryl sentir-se menos confortável. Antes pelo contrário. Passou a mostrar aos seus clientes a diferença de textura entre um seio natural e um artificial, e ainda conseguiu rir uma vez que um cliente ficou com o seu mamilo colado... no joelho. “Fui abençoada com esta capacidade de rir de mim mesma”, confessa.

#### OS TREINOS DE HELEN HUNT

Quando soube que ia interpretar o papel da terapeuta, Helen Hunt

quis conhecer Cheryl. “Convidou-me para almoçar em Santa Mónica, e observou-me como nunca ninguém me tinha observado. Percebi que estava a tentar absorver quem eu era. Perguntou se podia gravar a minha voz, por causa do meu sotaque [Cheryl tem um forte sotaque de Boston, que faz com que praticamente não diga os ‘rr’]. E convidou-me para ir a casa dela para lhe mostrar o ‘toque sensual’ que faço nas sessões. Fui, e demonstrei, no companheiro dela, o modo como tocava nos meus clientes. Mantivemos todos a roupa, mas ele estava deitado e eu mostrei-lhe. Também me encontrei com o ator principal, John Hawkes, e com o realizador Ben Lewin. Vamos ficar amigos para sempre. O Ben teve poliomielite quando era criança, e identificou-se imenso com a história do Mark. Este filme foi feito por amor.”

“Em Portugal, estamos tão longe de ter reabilitação sexual”, prossegue Jorge Cardoso, “que este tipo

**O SEXO FAZ PARTE  
DA TERAPIA.  
CHERYL TEVE  
CERCA DE 900  
CLIENTES AO  
LONGO DE 40 ANOS  
DE PROFISSÃO**

de terapia estaria a anos-luz de ser sequer equacionada”. “Associa-se o sexo a algo sujo, que é para esconder, que não é para ser falado. Em Alcoitão, por exemplo [onde são tratados os acidentados graves que ficam paraplégicos ou tetraplégicos], não existe um programa de reabilitação sexual. Na prática, são os psicólogos que têm a preocupação em falar disso com os pacientes. Mas é manifestamente insuficiente. Devia ser obrigatório, antes de mais, ter bom senso”, considera o terapeuta. “E esse bom senso deveria levar ao reconhecimento das necessidades sexuais destes pacientes. Quando se fala na sexualidade de deficientes, o tabu ainda é maior, porque ou se tem tendência para olhar para estas pessoas como anjinhos que não pensam em sexo, ou como coitadinhos que já não funcionam.” Sendo que todos deveriam ter direito a uma sexualidade — logo, a uma afetividade — plena, saudável e feliz. ●

revista@expresso.impresa.pt